

## O «Sacramental» de Clemente Sánchez de Vercial e o seu comentário ao Pai-Nosso

Meses antes de renunciar à Sé de Braga, mandou o Infante D. Henrique<sup>1</sup>, futuro Cardeal, reimprimir<sup>2</sup>, em 1539, um livro de que poucos exemplares restam hoje<sup>3</sup>, intitulado *Sacramental*<sup>4</sup>. A primeira edição havia sido feita em Lisboa<sup>5</sup>, em 1502. A natureza e autor da obra vêm indicados no primeiro fólio: *Este livro he chamado Sacramental, o qual copilou e tirou das sagradas scripturas Crimente Sanchez de Verçhial, bacharel en leys, arcediago de Valdeyras en a ygreja de Lyon, pera que todo fiel christão seja emsinado em a*

<sup>1</sup> Nomeado administrador do Arcebispado de Braga pelo Papa Clemente VII, a 30 de Abril de 1533, por morte do Arcebispo D. Diogo de Sousa e a pedido de El-Rei D. João III seu irmão, — apenas com 21 anos de idade! — só em Maio de 1539, depois de completar 27 anos, foi sagrado Arcebispo de Braga. No ano seguinte, Setembro de 1540, era transferido para a diocese de Évora, para tal elevada à categoria de Metropolitana. Sobre a obra do Infante D. Henrique em Braga, ver Mons. J. AUGUSTO FERREIRA, *Fastos Episcopales da Igreja Primacial de Braga*, Tom. II, Braga 1931, pp. 406-425.

<sup>2</sup> Reimprimir e não traduzir, como pretende Diogo BARBOSA MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, Tom. II, reedição de Coimbra 1966, p. 441; e recentemente FORTUNATO DE ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, nova edição, preparada e dirigida por Damião Peres, Tom. II, Lisboa 1968, p. 598.

A reimpressão foi feita em Braga nas oficinas de Ioham Beltram e terminada a 25 de Fevereiro de 1539.

<sup>3</sup> Existe um exemplar completo e em perfeito estado de conservação no museu do Palácio dos Biscaínhos, Braga, recentemente inaugurado. Quanto aos outros exemplares, ver António Joaquim ANSELMO, *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI*, Lisboa 1926, p. 290, notícia 996. O exemplar da Biblioteca Nacional de Lisboa está mutilado no princípio e no fim, e a foliação que lhe foi aposta não parece correcta.

<sup>4</sup> Que a iniciativa partiu do Infante D. Henrique consta expressamente do *cólofon*: *Per mandado do muyto alto e muyto excelente Principe ho senhor Infante D. Anrique electo arcebispo Senhor da dita cidade premas das Spanhas...*, e do Escudo do Infante, impresso no rosto do livro, a seguir ao título.

<sup>5</sup> Não sabemos quem foi o tradutor, nem tão-pouco quem tomou a iniciativa de editar o livro em Portugal; pelo menos o *cólofon* nada nos diz a esse respeito, limitando-se a indicar o nome do impressor: Ioham Pedro Cremona. A impressão foi terminada a 28 de Setembro de 1502, na *muy nobre cydade de Lysboa*.

O frontispício da primeira edição é muito discreto, limitando-se ao título *Sacramental* por baixo duma gravura representando dois anjos em adoração ao Santíssimo Sacramento exposto na custódia. Ver reprodução desta gravura em A. J. ANSELMO, *op. cit.*, p. 147.

Pelo contrário, o rosto da segunda edição, Braga 1539, explica: *Sacramental em linguagem portugues novamente impresso e emmendado*.

*fee e em o que compre a sua salvação*<sup>6</sup>. Como se vê, trata-se da versão portuguesa duma obra editada em Espanha; mas quando a primeira edição portuguesa apareceu, já o original contava algumas edições<sup>7</sup>, e uma tradução catalã<sup>8</sup> (1495).

Esta obra reveste-se de excepcional importância para o conhecimento dum período de particular intensidade dramática na história religiosa do Ocidente: o período que antecede imediatamente a reforma protestante e o Concílio de Trento. Olhada do ponto de vista interno, pode considerar-se como uma síntese do pensamento teológico medieval nos seus diversos aspectos, dogmático, moral, espiritual, jurídico-canónico, sem esquecer a casuística, que caracteriza a *Escolástica* da decadência. Ela é sobretudo preciosa para o conhecimento da teologia sacramentária, — e daí o título um tanto sóbrio de *Sacramental* que o autor lhe dá, — a nível de vulgarização pastoral: aproximadamente 75% das páginas do volume destinam-se à exposição dos Sacramentos. Principia esta por uma breve introdução, — apenas dois fólhos, — de carácter genérico, sobre a noção de sacramento. Segue-se a explanação de cada um dos sete sacramentos, segundo o método *escolástico*: primeiro, exposição doutrinal; depois, casuística própria de cada um.

Na exposição da Eucaristia encontra-se uma *Expositio missae*, ou seja, a explicação dos ritos e cerimónias da missa, na linha medieval da representação alegórica do Sacrifício da Cruz<sup>9</sup>. Tais exposições revestem-se sempre de grande interesse doutrinal e histórico, porque é à luz dessas interpretações que importa analisar as reacções dos protestantes contra a teologia católica neste sector.

Algo de semelhante acontece na exposição da Penitência. Aí foram insertos dois documentos de grande interesse pastoral e espiritual, e até psicológico e moral, para o conhecimento do sentimento religioso da época. O primeiro é uma longa *Apologia* dos pecados a examinar pelo penitente, ou seja, o que diríamos hoje, um esquema de exame de consciência; o segundo, uma breve *Summa confessorum*, para orientar o confessor no interrogatório,

<sup>6</sup> Antes do primeiro fólho, há, a seguir ao frontispício, seis fólhos sem numeração, a duas colunas, contendo o índice dos diversos capítulos ou *Titulos* da obra.

<sup>7</sup> Segundo L. HAIN, *Repertorium Bibliographicum*, Vol. II, Pars II, Milano 1948, p. 475, a primeira edição teria aparecido em Sevilha em 1475.

<sup>8</sup> Para as diferentes edições e traduções desta obra, ver Antonio PALAU Y DULCET, *Manual del Librero Hispanoamericano*, Tom. XIX, Barcelona 1967, pp. 353-355.

<sup>9</sup> O método seguido é o do célebre liturgista Amalário de Metz († 850). Fól. 59 v: *Que synhifica a incarnação e o psalmo de Iudica me — Da confissam — Que synhifica o beyjar do altar — Que synhifica o officio ou Introito — Do Kyrieleison. Etc.*

direcção espiritual e penitência a dar ao pecador. De salientar ainda, na exposição deste sacramento, a inserção de três capítulos, à primeira vista deslocados: um sobre a esmola, outro sobre a oração e outro sobre o jejum. Na realidade, tal coordenação de ideias está na linha da evolução da disciplina penitencial no Ocidente e da mais pura tradição da espiritualidade cristã, que vê como meios de reparação de faltas cometidas a esmola, a oração e o jejum.

Ainda no enquadramento da Penitência, encontra-se a fórmula da absolvição sacramental. Porque esta nos parece de interesse teológico e actualidade pastoral, aqui a transcrevemos.

Fól. 137v: *Da forma da asolução.*

*Misereatur tui onnipotens Deus et dimittat tibi omnia peccata tua et perducatur te ad vitam eternam amen.*

*Polla autoridade e poderio de nosso Senhor Jesu Christo e dos ben-aventurados Apostolos sam Pedro e sam Paulo e da sancta Ygreja e do officio a mim outorgado e da minha parte, eu te asolvo dos pecados que aqui has confessado e dos que nom te acordas em quanto posso e devo. In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti amen.*

*E mando te que faças tal e tal cousa em pendenza. E por quanto tu deveras fazer maior penitencia segundo os pecados confessados, todos quantos beens fezeres e perdões que ganhares te sejam em remissom e satisfação de teus pecados.*

Outra razão do excepcional interesse desta obra é de carácter documental. Trata-se dum compêndio de teologia destinado à ilustração dos párocos, e por ele podemos ver o nível de cultura do clero nos princípios do séc. XVI, antes da organização dos seminários, imposta pelo Concílio de Trento. O próprio autor no-lo diz, na introdução, ao escarpelizar, sem mascar as palavras, a ignorância do clero do seu tempo: *E por quanto, por nossos pecados, no tempo dagora, muytos sacerdotes que ham curas dalmas, nom soamente som ynorantes pera instruir e emsinar a fe e crença e as outras cousas que pertencem a nossa salvação, mas ainda nom sabem o que todo booo christião deve saber; nem som instruidos nem emsinados em a fe christã segundo deviam. E o que he mais prigoosso e danosso, alguuns nom sabem nem entendem as escripturas que cada dia ham de leer e cantar, e porende eu (...) propuso de trabalhar de fazer una breve copilaçom das cousas que necessarias som aos sacerdotes que ham curas de almas. Temos aqui, por conseguinte, a sùmula dos conhecimentos exigidos aos curas*

♦

de almas, pois a estes se dirige, sem qualquer referência às outras categorias de clero. Na melhor das hipóteses, no caso de ser assimilado com perfeição, era este o expoente máximo de cultura teológica do clero paroquial. O que impressiona sobretudo neste conjunto é a deficiente preparação doutrinal sobre as verdades fundamentais do cristianismo. Nenhuma exposição *ex professo*, por exemplo, sobre o Mistério de Deus e o Mistério de Jesus Cristo. Apenas a explicação do Símbolo, do Pai-Nosso<sup>10</sup> e do Decálogo, seguida da explanação dos pecados e das virtudes. Toda a atenção se concentra na teologia e casuística dos Sacramentos: procura-se uma preparação imediata e exclusivamente pastoral destinada à prática e frequência dos Sacramentos, sem qualquer alusão à Palavra de Deus, anunciada todos os Domingos na celebração da Missa<sup>11</sup>.

Salientemos ainda outro motivo de grande interesse deste documento: o linguístico. Temos aqui uma exposição em português das verdades da fé e da teologia dos sacramentos. Numa altura em que os livros de teologia eram em latim — e continuaram durante séculos — tal exposição reveste-se de particular relevância para a evolução da língua portuguesa neste sector preciso do falar religioso e teológico. Os exemplos que vamos apresentar são tirados todos dos *títulos* ou capítulos do livro. Uma exposição viva e contínua poderá ver-se na explanação do Pai-Nosso que a seguir transcrevemos.

Logo no começo, conforme manda a tradição cristã, ensina como o homem se deve benzer e *asynhar*. Depois explica os dez mandamentos e como são *departydos* em duas maneiras. Ao falar das virtudes, diz-nos quantos *proveytos* se seguem da caridade e quais os seus *synhaes*, explicando ainda como a alma se deve *endereçar* e *regrear* pelas virtudes cardeais. Na explanação dos sacramentos principia, como é óbvio, pelo *bautismo*, e insiste nas dúvidas que podem *acontecer* neste sacramento, nomeadamente se a palavra

---

<sup>10</sup> De notar, a seguir ao Pai-Nosso e com o mesmo relevo, a explicação da Ave-Maria. Este facto é altamente significativo para a história do culto e da devoção a Nossa Senhora nos fins da Idade Média.

<sup>11</sup> Contra tal situação reagirá anos mais tarde o Arcebispo de Braga D. Fr. Bartolomeu dos Mártires, no seu célebre — 15 edições até hoje — *Catecismo ou Doutrina cristã e práticas espirituais*. Esta obra divide-se em duas partes. Na primeira, expõe as verdades fundamentais do cristianismo, seguindo o esquema do *Sacramental* (ter-se-ia inspirado nele?); na segunda, bem mais extensa e que constitui novidade, faz uma explanação de carácter doutrinal e espiritual dos principais Domingos e Festas do ano litúrgico, a partir das leituras bíblicas e dos textos do missal.

*eu he da sustancia do bautismo, e se se leixam ou se transmudam* palavras da *forma*. No terceiro sacramento, *que he a missa e o corpo de Deus*, diz, como é natural, quem pode *fazer este sacramento*. E ao falar da penitência esclarece *quantas maneyras som* de penitência: a *pruvica* e a *sécra*. Expõe também ao confessor a *forma* da *asoluçom* e as quatro cousas que se requerem na *pendença*. No capítulo da oração levanta o problema: se a oração deve ser feita por palavras ou *abasta pollo coração*, e ainda se deve o homem *ter adtençom*. Também ao falar do jejum levanta vários problemas e entre eles: *quaes lavradores som escusados de jejuñar*; e se se deve *demandar* licença quando há razão de *quebrantar* o jejum. No sacramento da ordem, levanta o interessantíssimo problema das *chaves*: a chave do *poderio* e a chave da *sabedoria*. E finalmente, ao abordar o casamento, ensina-nos que este se prepara pelos *esposoyros*, os quais se devem fazer *pruvicamente*. Quanto ao matrimónio propriamente dito, explica em quantas maneiras se pode *embargar* e como deve ser feita a *denunciaçom* ou a *acusaçom*, como também o seu *departimento*.

Para dar uma ideia tanto quanto possível objectiva da natureza da obra, vamos apresentar o conteúdo global do livro, reproduzindo os títulos dos principais capítulos. A numeração dos fólhos que indicaremos é a do exemplar da Biblioteca Nacional de Lisboa (Res. 149-V), escrita a lápis no canto superior direito de certas páginas, porque a primeira edição portuguesa, que seguimos, não tem numeração contínua de fólhos.

Faremos a seguir a transcrição do comentário à oração dominical, por nos parecer um dos capítulos mais elucidativos quanto à fundamentação teológica e orientação espiritual do autor, ainda hoje de certo interesse documental.

Transcrevemos o texto da primeira edição portuguesa, Lisboa 1502 (= L), e registamos em nota as diferenças textuais mais importantes da segunda edição, Braga 1539 (= B). Desenvolvemos todas as abreviaturas, excepto o *til abreviativo*, com função de nasalização, em certas palavras que, na altura, como ainda hoje em certas camadas populares, se pronunciavam ou podiam pronunciar dessa maneira. A mais frequente é a palavra *hũa*. Respeitamos sempre a grafia do autor, mesmas em palavras que por vezes têm dupla grafia, como, por exemplo, *scripturas* e *escripturas*, só o corrigindo quando se tratar de erro evidente de composição gráfica. Seguimos

também a acentuação das palavras da primeira edição. Modificamos a pontuação quando tal nos parecer indispensável para a boa compreensão do texto. Escrevemos também com maiúscula algumas palavras para uniformizar o original.

## Conteúdo

*Os seis primeiros fólhos, a começar no verso do frontispício, sem numeração, contêm o Índice, a duas columnas.*

*Fól. 1* — Este livro he chamado Sacramental o qual copilou... (*Título completo da obra*).

— Nosso Salvador Jesu Christo, que veo remiir a lynhage humanal, deu ordem e regra como vivesemos... (*Introdução do autor*).

*Fól. 2* — Como homem se deve benzer e asynhar — Como o homem deve seer emformado na fe antes do bautismo — Que quer dizer christão e donde descende e foy achado este nome — Quantas maneiras som de fee — Que cousa he fe.

*Fól. 3v* — Do credo que he dyto symbolo e como som tres symbolos e que quer dizer symbolo — Em que maneira devem os clerigos saber os artigos da fe, e em que maneira os leigos — Quantos e quaes som os artigos da fe, e quem os compos, e em que maneira — Que he o que cada hum dos apostolos disse e compos no credo.

*Fól. 6* — Do credo e da sua declaraçam.

*Fól. 11* — Do pater noster e da sua declaraçam.

*Fól. 14* — Da Ave Maria.

*Fól. 17v* — Dos dez mandamentos e que cousa he mandamento e como som departydos em duas maneiras, e quantos som os mandamentos — Do premeiro mandamento — Do segundo mandamento — Do terceiro mandamento — Do quarto mandamento — Do quynto mandamento — Do sexto mandamento — Do VII mandamento — Do oytavo mandamento — Do nono mandamento — Do decimo mandamento — Dos mandamentos em geeral.

*Fól. 23* — Dos pecados — Do pecado original — Que cousa he pecado — Quantas maneiras som de pecados — Dos pecados mortaaes — Do pecado da soberba — Quantas maneiras som de soberba — Do segundo pecado, da avareza — Da luxuria — Do pecado da

enveja — Do pecado da gula — Do pecado da yra — Do pecado da acidia — Como dos sete pecados sobreditos nacam outros muytos.

*Fól. 31* — Como peca homem em fazer o que nom deve, e quaes som os pecados de coraçom — Do pecado da boca — Dos pecados da obra — Dos pecados que se fazem leyxando de fazer o que se deve fazer — Das circunstancias dos pecados.

*Fól. 32v* — Das virtudes — Que cousa he virtude — Quantas maneiras som de virtude — Da fe — Quantas cousas pertencem a perfeçom da fe — Quantos beens faz a fe — Da esperança, que cousa he — Quantos som os proveitos da esperança — Da caridade — Quantos proveytos se seguem da caridade — Dos synhaes da caridade — Da ordem que se deve teer na caridade, e como devemos amar os enmigos.

*Fól. 36* — Das virtudes cardeaaes — Como a alma se deve endereçar e regrar por estas virtudes — Da prudencia e quantas partes e maneiras som della — Da temperança e quantas partes som della — Da forteleza — Da justiça — Como destas virtudes descendem outras muytas.

*Fól. 37v* — Das sete obras de misericordia — Que cousa he misericordia — Quantas som as obras de misericordia e quaes som — Das sete obras de misericordia corporaaes.

*Fól. 40* — Aquy começa ho segundo livro: dos sacramentos. — Que cousa he sacramento — Donde se diz sacramento — Que proveytos ha em os sacramentos — Que cousas som necessarias ao sacramento — Quem estabeleceo os sacramentos — Quantos som os sacramentos — Por que os sacramentos som sete — Quaes sacramentos som de necessidade.

*Fól. 42* — Do sacramento do bautismo — Que cousa he bautismo — Que cousa he carater — Quantas maneiras som de bautismo — Que cousa he cathecismo, e que cousa deve preceder o bautismo — Que cousa he exorzismo e donde se diz e a quem aproveyta — Quantos som os doões do bautismo — Quantas cousas se fazem no bautismo que som sacramentaes — Porque e donde foy estabelecido o bautismo — Quem pode dar este sacramento — Dos proveytos do bautismo — Que cousas som necessarias e sustanciaes no bautismo — Quantas cousas se requerem em cada hum dos sacramentos — Quantos devem seer os padrinhos e a que som obrigados

— Quaes podem seer padrinhos e quaes nom e que ham de fazer — Da forma e pratica que se deve fazer no bautismo — Da synhificaçom e decraraçom de cada hũa das cousas que se fazem no bautismo — Porque põe nome em o bautismo — Porque este sacramento nom se deve receber mais de huũa vez, e como deve dizer quando he duvida se he alguum bautizado — Das duvidas que podem acontecer neste sacramento — Se esta palavra eu he de sustancia do bautismo — Que se leyxam algũas palavras da forma nom he bautismo — Se transmuda as palavras.

*Segue-se o levantamento de uma série de problemas referentes à casuística da validade do baptismo<sup>1</sup>.*

Fól. 51v — Do sacramento da confirmaçom — Que cousa he confirmaçom — Quem estabeleceo este sacramento — Qual he a forma deste sacramento — Qual he a materia deste sacramento — Que cousas som necessarias em a confirmaçom — Quem pode dar este sacramento — Como neste sacramento deve aver padrinho — Quando homem deve receber este sacramento — Quantos proveytos ha neste sacramento — Em que maneyra se deve fazer este sacramento — Que synhifica a palmada em este sacramento e o pano que lhe põe na cabeça — Dos sete dões do Spritu Santo.

Fól. 55 — Do terceyro sacramento que he a missa e o corpo de Deus — Quem estabeleceo o sacramento da missa — Porque este sacramento ha nome missa — Quem pode fazer este sacramento — Quando se deve celebrar a missa — A que hora se deve celebrar a missa — Donde se deve dizer a missa — Que ha missa se deve celebrar cada dya — Quantas cousas se requerem em este sacramento — Que este sacramento he mais excelente que todollos outros — Em que maneyra se deve celebrar a missa.

*Segue-se uma «Expositio missae».*

Fól. 77v — Das duvidas que podem acontecer em este sacramento — Quaes som as palavras necessarias pera a consagraçom.

*Segue-se a explanação de uma série de problemas relativos à casuística da celebração da missa.*

---

<sup>1</sup> Para se fazer uma ideia da casuística levantada pelo autor, aqui vão alguns exemplos. Fól. 49: *Se o que bautiza diz palavras corruptas — Se o bautismo se pode fazer in nomine Christi — Que nom deve aver espaço entre hũa palavra e outra — Por que nom diz vos o que bautiza — Que neste sacramento nom se devem ader outras palavras — Se o louco ou o que dorme pode seer bautizado — Quando a mulher parir a metade homem e outra metade figura de alimaria ou com duas cabeças se deve ser bautizado ou nom — Se no parto aparece algum membro da criatura, he duvida se deve seer bautizado — Se o que he bautizado por força recebe o bautismo. Etc.*



*Fól. 87* — Como o sacerdote deve levar o corpo de Deus ao enfermo — Como em tempo de entredyto se se pode dar este sacramento aos emfermos — Em que maneyra se deve dar este sacramento ao que he enfermo — Se o sacerdote emfermar depoy da consagraçom se deve comungar — Em quantas maneiras se comete pecado em este sacramento — Quantos proveytos se seguem deste sacramento ao que dinhamente o recebe — Quantos danos se seguem ao que recebe este sacramento indinhamente.

*Fól. 89v* — Aquy se começa o III livro que traut a dos quatro sacramentos derradeyros, que som penitencia, extrema unçom e ordem de clerigo e matrimonio — Que cousa he penitencia — Onde ouve este nome penitencia — Quantas maneyras som de penitencia — Da penitencia pruvica — Da penitencia secreta — Quantas partes som na penitencia — Que cousa he contriçom — Quantas cousas trazem ao homem a verdadeyra contriçom — Se polla contriçom soo he perdoado o pecado — Da confissom — Onde ouve este nome confissom — Quem estabeleceo a confissom — Quem se deve confessar — De que pecado se deve homem confessar — Qual deve ser a confissom — Se deve homem ou pode dizer o pecado alheo em a confissom — Se val a confissom quando o sacerdote pergunta e outro responde.

*Segue-se o levantamento de uma série de problemas relativos à casuística e normas de direito relacionados com a penitência.*

*Fól. 101v* — Da maneira como o homem se deve confessar (*Longa «Apologia» dos pecados a acusar pelo penitente*).

*Fól. 109* — Das perguntas que o sacerdote deve fazer ao que se confessa — Das perguntas acerca das pessoas — Das perguntas acerca dos pecados — Das perguntas acerca das circunstancias — Do que o sacerdote deve preguntar a cada hũa pessoa que se confesse (*«Summa confessorum» para guia do sacerdote no interrogatório do penitente*).

*Fól. 118* — Dos religiosos, clerigos e dos outros em geeral — Da satisfaçom que he parte da penitencia — Que cousa he satisfaçom e onde ouve este nome — Quantas maneyras som de satisfaçom — Que cousa he esmolla e onde ouve este nome — Quantas maneyras som de esmolla — Se he mandamento fazer homem esmolla — Se he homem teudo de dar esmolla de necessario — A quem se deve dar esmolla — Em que maneira se deve dar ha esmolla — De que beens deve ser feyta a esmolla — Quem pode e deve fazer esmolla

— Como o que da esmolla por vergonha ou por importunidade nom lhe aproveyta — Se aproveyta a esmola feyta em pecado mortal — Qual esmolla he parte da satisfaçom.

*Fól. 123* — Da oraçom, e que cousa he, e porque tomou este nome — A quem devemos fazer oraçom — Se a oraçom deve ser feyta por palavra ou abasta pollo coraçom — Em que lugar se deve fazer ha oraçom — Como na oraçom deve homem ter adtençom — Se deve homem fazer toda via oraçom e se deve seer longa — Se he homem obrigado a fazer oraçom por mandamento — Se ouve Deus ao pecador quando faz oraçom — Quantas condições se requerem na oraçom — Se pode homem pedir algũa cousa na oraçom assynadamente — Quantos proveytos se seguem na oraçom.

*Fól. 126* — Do jejum e que cousa he e onde ouve este nome — Quantas maneyras som de jejuum — Se o jejuum he de necessidade e mandamento — Em quantas maneiras jejuãm os homens — Quantas cousas se requerem no jejuum — Quantas pessoas devem jejuar e de que ydade devem ser os que som obrigados a jejuar — Quaes lavradores som escusados de jejuar — Se deve demandar licença quando ha rezom de quebrantar o jejuum — Quaes dias deve homem jejuar — Que manjares som defendidos no jejuum — Que cousas quebrantam o jejuum — Como o confessor nom deve dar de jejuar o domingo — A que hora ha de comer o que jejuã — Se o jejuum se pode remir ou mudar fazendo outra cousa — Se aproveyta o jejum ao que esta em pecado mortal — Que proveitos se seguem do jejuum.

*Fól. 129v* — Que penitencia deve dar o sacerdote por cada pecado — Se a satisfaçom que he feyta em pecado se se deve fazer outra vez — Dos canones penitenciaes — Da restituçom das cousas alheas — Como o sacerdote deve asolver de todos os pecados, salvo nos casos que pertencem ao papa ou ao bispo — Como em tenpo de necessidade de morte de todo pecado pode o sacerdote asolver — Da forma da asoluçom — De quatro cousas que se requerem na pendenza — Em que cousas he obrigado o sacerdote ao que se lhe confessar e como deve ter sacreto e que pena ha se o descobre.

*Segue-se uma série de problemas referentes à casuística do segredo da confissão.*

*Fól. 142* — Do sacramento da extrema unçom — Que cousa he extrema unçom e onde ouve nome — Quem estabeleceo este sacra-

mento — Quantas cousas som necessarias em este sacramento — Quem pode dar este sacramento e a que pessoas se deve dar — Se este sacramento se pode tomar muytas vezes — Em que maneira e forma se deve fazer este sacramento — Que proveyto há em este sacramento.

*Fól. 144* — Do sesto sacramento que he a ordem — Que cousa he ordem — Quantas som ordeens ecclesiasticas — Da coroa e que cousa he e donde ouve este nome — Donde ouve começo e foy achada a coroa — Do hostiario e donde ouve este nome e que quer dizer — Da ordem do lector — Da ordem do exorcista — Da ordem do acolito — Da ordem do subdyachono — Da ordem do dyacono — Da ordem do sacerdote ou preste e quantos nomes ha — Da ordem do bispo — Como e quando se da o carater em cada hũa das ordens — Quantas cousas som necessarias em este sacramento — Quem pode aministrar e dar o sacramento da ordem — Em que tempo se devem dar as ordeens — Que condições ha de aver o que se ha de ordenar — Como os prelados nom devem de scomungar aos que ham de ordenar mas asolveros e dispensar com elles — Que proveyto vem ao homem das ordeens.

*Fól. 152* — Das chaves — Que cousa he chave e donde ouve este nome — Se som duas chaves ou hũa — Como as chaves foram dadas aos sacerdotes — Que differença ha entre a chave do poderio e chave de sabedoria e se o sacerdote que nom he letrado pode usar desta chave de sabedoria — Como se entende se a chave errar — Em que maneyra o sacerdote liga e asolve per estas chaves — Da chave da jurdiçom.

*Fól. 154* — Do setimo sacramento que he o matrimonio — Que cousa he esposoyro e donde ouve este nome — Quantas maneyras som de esposoiros — Quem se pode esposar — Em que maneyras se devem fazer os esposoyros e quantas maneiras som de esposoyros — Que cousas se seguem dos esposoyros — Em quantas maneiras se tyram e se partem os esposoiros.

*Fól. 157* — Do sacramento do matrimonio que he casamento — Que cousa he matrimonio ou casamento — Donde tomou este nome o matrimonio e porque — Quaes se podem casar — Em que maneira se deve fazer o matrimonio — De como o matrimonio ou esposoyros se devem fazer pruvicamente e do dano que se segue dos que se fazem occultamente e que pena ham os que hy se accertassem — Como se devem dar as benções aos que se casam e como se ham de velar na ygreja — Que synhificam os ances e o veio

que se põe aos esposados quando se velam — Se devem receber a benção os que casam duas vezes ou mais — Que proveitos se seguem do matrimonio.

*Fól. 162* — Em quantas maneyras se pode embargar o matrimonio — Como o error embarga o matrimonio.

*Segue-se a exposição dos diversos impedimentos matrimoniais.*

*Fól. 171v* — Em que maneira se parte o matrimonio e quem o pode acusar — Como deve ser feyta a denunciação ou acusação do matrimonio — Como se deve fazer o departamento do matrimonio.

*Fól. 173* — Esta presente obra foy empremida na muy nobre cydade de Lysboa per Joham Pedro de Cremona aos XXVIII de setembro. Anno MCCCCC e II. Deo gratias.

### «Do Pater noster e da sua declaração»

*[Fól. 11v] Pater noster.*

No começo da declaração do *Credo* se disse quantas maneiras som de *pater*; em a mesma maneira que se entende aly, em essa maneira se entende aqui. Diz Sam Matheus que nosso Salvador Jesu Christo, veendo muytas gentes, sobyo-se ao monte; estando assentado, chegarom os dicipolos a elle e começolhes a dizer e emsinar muytas cousas, antre as quaes disse<sup>1</sup>: em esta maneira devees fazer oraçom: *Pater noster*, etc. Ca aly lhes mostrou o *Pater noster*. E diz premeiramente: *padre*, que he palavra de liberdade e de grande fiuza. E dizemos a Deos *padre*, porque geeralmente he padre de todallas cousas, porque as criou. E diz adiante: *noster*, chamandolhe *nosso*, porque he padre especial, dos justos adopciom; e porque pollo bautismo somos regeerados. E por estas duas palavras nos amoestou duas cousas. A premeira, que guardemos a graça da adopciom, por aquilo que diz *pater*. A segunda, que gardemos a uniom e ajuntamento de yrmandade, por aquilo que diz *noster*.

*Qui es in celis*: quer dizer, que es no<sup>2</sup> çeeos.

O çeco se entende em duas maneiras. A premeira, por o çeco material que Deos formou, que he corpo puro e, segundo natura,

<sup>1</sup> dizem L disse B

<sup>2</sup> sic L B

muy sympres e sem corrupciom, muy firme e muy graude em cantidade, e muy claro em claridade. E dizese *acelando*, que quer dizer encobrir, porque cela<sup>3</sup> e encobre as cousas segretas<sup>4</sup> de Deos; ou se diz *a celsitudine*, que quer dizer alteza, porque he mais alto que todallas cousas terreaaes. Em outra maneira se entende çeeo: pollos angeos ou pollos sanctos. E em cada hũa destas maneiras se entende aqui. E quanto ao premeiro *Padre nosso que es nos çeeos*, que quer dizer que he no segredo, divinal majestade, pollo qual nos he dada esperança de ganhar o bem segredo<sup>5</sup> e escondido que he a gloria. Segundo a segunda maneira, que *es nos çeeos* [que] quer dizer que es nos angeos ou nos sanctos justos, donde avemos esperança que nos fara sanctos e justos nos çeos. E como quer que Elle seja em todas estas cousas e em todos lugares, por essencia e presencia e poderio, especialmente dizese seer em os justos, por que mais especialmente resplandeça a sua excelencia em [fól. 12] os santos por gloria.

*Sanctificetur nomen tuum.* Santificado seja o teu nome.

Aqui começa a premeira petizom<sup>6</sup>. E por quanto a benaventurança do homem premeiramente he no apetito e desejo de Deos, e a sua vontade em sy mesma, he benaventurança por delectação e fluçom, da qual os homens som feytos santos, porende sobre todallas cousas devemos amar e desejar a sua gloria; e por isso dizemos em a premeira petiçom: *o teu nome seja santificado*. Nom pedimos que santidade alguũa lhe venha de novo, nem pollas orações elle seja santificado, ca elle sempre he santo; mais que a santidade que he perduravel resplandeça em as criaturas suas. O seu nome, que he Christus, o qual deçende de christão, donde nos outros somos chamados, seja santificado, e fique sempre em nos; porque assy como fomos santificados no bautismo, e em isso que começamos perseveremos. E assy como os angeos, que som cuelle no çeeo, sabem e entendem a santidade do seu nome, assy nos outros, que somos na terra, o mereçamos conhecer; e assy como o seu nome he sanctificado no çeo, seja na terra.

---

<sup>3</sup> ella L

<sup>4</sup> secretas B

<sup>5</sup> segredo L secreto B

<sup>6</sup> petiçom B

*Adveniat regnum tuum.* Venha o teu reyno.

Esta he a segunda petiçom. E segundo diz que <he> hũa benaventurança<sup>7</sup> a vontade<sup>8</sup> de Deos; e he outra benaventurança, que he a visom e deleyte que <he> em o veer na ygreja<sup>9</sup>, que he o seu reyno. E outrosy isto he o que demandamos a Deos em esta segunda petiçom: que sejamos partícipes e parcioneiros da sua vondade, os quaes em a sua benaventurança. Visto isto pedymos quando dizemos: *venha o teu reyno*. E diz *venha*, porque nenhun pode viir a Deos salvo se o creer, segundo disse Sam Ioham em pessoa de Jesu Christo: *Nemo potest venire ad me, nisi Pater qui misit me traxerit eum*. Que quer dizer: Nenhum nom pode viir a mym, salvo se o Padre que me envyou o trouxe. E bem se diz: o reyno de Deos benaventurança perpetua, porque hy he avondamento cheo e acabado. Ou em outra maneira: que nos mereçamos conhecer seu reyno e poderio, e que o reyno, prometido a nos por elle e ganhado pollo seu sangue e payxam, venha a nos.

*Fiat voluntas tua sicut in celo et in terra.* Seja comprida tua vontade, assy no çeeo como na terra.

Aquy he a terceira petiçom. E por quanto muytas vezes nom sabemos a sua vontade, e quando a sabemos nom podemos e somos priguçosos de a comprir, porende pedymos: *cumprasse a tua vontade*. Que [fól. 12v] quer dizer: envia em nos o spiritu de virtude e preposito pera comprir o que a ty apraz. E diz adiante: *assy em o çeeo como em a terra*. Os santos som em os çeeos, e som tam acerca da majestade divinal e ajuntados a ella, que ella nom pode falleçer nem desviar da sua vontade; e porende nos que vivemos em este mundo, que nom somos ajuntados assy a elle, pydimos que a graça divinal compra em nos, teendo a nossa vontade e conformando a cousa sua em nossas obras, assy como se conformam com os santos que som no çeo. Em outra maneira se pode assy entender: *comprasse tua vontade em a terra assy como no çeeo*, que quer dizer: os homens sejam semelhavees aos angeos, e assy como elles comprem a sua vontade no çeo, assy seja comprida dos que som em a terra.

---

<sup>7</sup> bennaventurança L

<sup>8</sup> vondade B

<sup>9</sup> ygreya L

*Panem nostrum quotidianum da nobis hodie.* Senhor, da nos hoje o nosso pã de cada dia.

Esta<sup>10</sup> he a quarta petyção. Pã em grego quer dizer *e todo* em nossa lyngoagem. Esta petição pedimos que nos de em todo tempo as cousas necessairas pera sustentação da vida temporal e da vida spritual; e este pã de cada dia he o nosso Salvador Jesu Christo, do qual se diz no Evangelho: *Ego sum panis vivus qui de celo descendit*: Eu som pã que descendi do çeeo. E por este pã, que he o corpo de nosso Senhor Jesu Christo, os sanctos som sanctificados e levados a benaventurança da sua gloria. E todollos outros sacramentos da ygreja se ordenam e endereçam a este; e pedindo este, pedimos todollos outros. Este sacramento he em duas maneiras. A hũa quando o veemos visivelmente no altar pollas mãos do sacerdote, e o tomamos e recebemos polla boca. A outra maneira he que polla rezom soamente, e por entendimento da vontade, crendo o tomamos, ainda que nom o veemos. E diz *hoje*, e entendese para sempre, e por cada tempo; e assy como de cada dia aveemos mesteer este sacramento, assy ha mesteer que cada dia digamos esta oração; e *hoje* podesse entender por esta vida presente, e rogamos que nollo de hoje. Ca o que nesta vida nom mereçer, nom poderia participar cuelle em a gloria. E diz *quotidianum*, porque cada dia o recebemos e tomamos pollos sacerdotes e menistros da ygreja, os quaes recebem este sacramento por sy e por toda a cominhom e ajuntamento dos fyees christãos. E Sam Lucas diz: *panem nostrum quotidianum*; Sam Matheos: *panem nostrum super substantialem*. E porque este, que he o corpo de Jesu Christo, he sobre todallas [fól. 13] sustancias e todallas criaturas em grandeza e santidade.

*Et dimitte nobis debita nostra sicut et nos dimittimus debitoribus nostris.* E perdoa nossos pecados como perdoamos aos que pecarom contra nos.

E esta he a quinta petição. E por quanto o premeiro e principal que nos embarga de ganhar a benaventurança, que he a gloria, he o pecado que hy cometemos, porque nom podemos entrar em a gloria ataa que todo seja perdoado quanto a culpa e quanto a pena. E porende pedimos em esta petição remissom e perdoança das duvidas e dividas, que quer dizer pecados, porque nos

---

<sup>10</sup> Este L Esta B

fazem seer obrigados a pena. Divida se diz em duas maneiras. A hũa de dinheiro, a outra de offensa. Aquy<sup>11</sup> se entende de a offensa. E tres dividas pedimos que sejam perdoadas: o pecado que fizemos contra Deos, e pecado contra o proximo, e o pecado contra nos mesmos. Os quaes se entendem em aquelle verso do Salteiro que diz: *Peccavimus cum patribus nostris, iniuste egimus, iniquitatem fecimus*: pecamos com nossos padres contra justiça, obramos maldade; fizemos pecados cum<sup>12</sup> nossos padres contra Deos e contra justiça, obras contra nosso proximo, maldade fizemos em nos mesmos. E porque pecamos contra Deos, pydimos que elle nos perdoe; e porque pecamos contra nos, pedimos que elle nos perdoe nossos pecados; e porque pecamos contra nossos proximos, pedimos que nos perdoe, assy como nos perdoamos a nossos proximos. E a todos he dada esta regra que, como perdoarem, assi seram perdoados de Deos. E assi o disse Jesu Christo: *Se nom perdoardes cada hum a vossos yrmãos em vossos corações, nem o vosso Padre celestial perdoara a vos os vossos pecados*. E nos devemos entender assy: em a forma e maneira nos perdoa nossos pecados, que perdoamos a nossos proximos fyees christãos que contra nos pecaram. E segundo esto, o que nom perdoar de boo coração ao que le fez enjuria e offensa, por esta petiçam nom ganhara remissom nem indulgencia, mais condemnãam; e elle mesmo pede seer condemnado. Porende, se queremos seer julgados com misericordia e piedade, nos devemos avcr piedade e misericordia com aquelles que nos offenssaram, injuriarom, ca tanto nos sera perdoado, como nos perdoamos.

*Et ne nos inducas in tentationem*. Que quer dizer: E nom nos tragas em tentaçom, nom nos leyxes seer julgados em tentaçom, ou nom sejamos induzidos em tentaçom, nem sejamos vencidos em ella.

E esta he a sexta petiçom; donde devemos saber que em duas [fól 13v] maneiras se entende a tentaçom. Hũa he booa tentaçom, assy como disse David no psalmo: *Proba me Domine et tenta me*: Prova me Senhor e tenta me, que quer dizer: a tua misericordia e piedade nom me leyxe seer tentado mais de quanto a ninha fraqueza pode soffrer. E concorda o que disse o apostolo: *Fidelis autem Deus est qui non patietur vos tentari supra id quod potestis*: Fiel

<sup>11</sup> E aqui B

<sup>12</sup> com B



he Deos que nom consentira que sejaes tentados alem do que disse que podees soffrer. Esta tentaçon nom he maa, antes he para uso e exercicio que he em maa sinhificaçon. E desta diz o apostolo Saniago<sup>13</sup>: *Deus non est tentator malorum, ipse enim neminem tentat, unusquisque tentatur a concupiscencia sua*: Deos nom he tentador dos maaos e nom tenta a nenhum, mais cada hum he tentador de sua cubyça. E desta tentaçon se entende aquelho<sup>14</sup> dito que diz: *Beatus vir qui suffert temptationem*: Benaventurado he o ques ustenta a tentaçon. E isto que diz: *Et ne nos inducas in temptationem*, nom quer dizer que nunca sejamos tentados, mais que nom nos leyxe falezer<sup>15</sup> quando formos postos em a tentaçon. Job e Abraham e Josep tentados forom, mais nom forom induzidos em tentaçon, ca nenhum destes nom consentio aquilo que o tentava.

O homem he tentado. Hay tres maneiras de tentaçon: de Deos, do dyaboo, do homem. Tenta nos Deos para provar, e disto se lee: *Tentou Deos Abraham*. E tenta o homem para saber, assy como se lee em Daniel, que disse ao que dava de comer a elle e aos outros mininos: *tenta nos por dez dias*. Tenta o dyaboo por enganar, assy como se lee em os Autos dos Apostolos: *Porque tentou Sathanas o coraçom desta*, se entende aqui que fez o dyaboo.

*Sed libera nos a malo*: mais livra nos de mal.

E esta he a postomeira e setima petiçon. E este mal se entende por quatro maneiras: pollo pecado, pollo diaboo e polla maa obra e pollo inferno. *Lyvra nos de mal*, que quer dizer: lyvra nos de pecar e do dyaboo e das maas obras e do inferno. Ou em outra maneira: nom nos leyxes tentar do dyaboo mais de quanto o possamos registrar, mais livra nos de mal. Santo Ysidoro disse que hay duas maneiras de mal: o hum he o que fez o homem, assy como o pecado que comete; e o outro he a pena que padeçe pollo pecado. E destes dos<sup>16</sup> mais pedimos seer lyvrados. E outrosy o apostolo diz: *Nescitis quid vobis oportet orare*: Nom sabees o que vos convem de pedir em vossa oraçon. Mais desta oraçon he aberta e clara, ca pedimos seer lyvrados das seytan /fól. 14/ ças do dyaboo; donde devemos rogar a nosso Senhor Deos que o que

<sup>13</sup> Samtyago B

<sup>14</sup> aquelho L aquelle B

<sup>15</sup> fallecer B

<sup>16</sup> dos L dous B

a nossa fraqueza da carne nom pode evitar e por sua merçee nos de fortaleza que sejamos em elles vencedores.

*Amen.* Assy seja.

Esta palavra *amen* he desejo em este lugar, porque deseja seer compridas todallas petições passadas. *Amen*, *Allelluya*, som palavras de abrayco, e nunca foram mudadas em outra lingoagem; nom porque nom se podem interpretar e declarar, mais por que fosse gardada a antiguidade em ellas por autoridade sancta que ouverom; e porque assy como Sam Ioham as ouvio no çeeo, assy devem seer pronunciadas em a terra, segundo foy estabelecido pollos apostolos. E este nome *amen* ha duas synhificações. A hũa quer dizer: *assy seja*. A outra quer dizer: *verdade he*. E em a premeira synhificaçom se entende aquy.

JOAQUIM O. BRAGANÇA